Brasil

CONCLUSÃO

Desafios à inovação tecnológica nos esportes

Nos próximos anos, o Brasil sediará eventos esportivos de grande repercussão mundial: a Copa do Mundo de Futebol, os Jogos Olímpicos e os Jogos Paraolímpicos. Apesar do enorme potencial de aplicação da ciência e da tecnologia em todos os aspectos dos esportes e da infraestrutura para receber os grandes eventos, precisamos criar mecanismos de incentivo e fortalecimento da pesquisa brasileira para garantir seu protagonismo nesses momentos.

Ainda somos um País carente de estrutura institucionalizada para a necessária transferência dos conhecimentos científicos, tecnologias, materiais e produtos desenvolvidos por pesquisadores em benefício dos esportes e dos esportistas. O Brasil conta com a criatividade de seus jovens e com uma boa integração entre os cursos de formação e a pesquisa. Também tem núcleos científicos de excelência. Mas ainda carece de canais de comunicação entre a academia e a produção.

Para colocar as boas ideias no mercado, para transformar meras invenções em inovação, o País precisa definir e implementar um modelo de parceria entre ciência e esportes. Não durante a Copa de 2014 nem durante os Jogos de 2016. Mas desde já e no longo prazo.

Além das melhorias na rede hoteleira, nos transportes, na segurança das cidades – que será o legado político dos grandes eventos – as parcerias entre ciência e esportes podem gerar novos produtos e até novos nichos de mercado; devem permitir ganhos de eficiência em processos e, com certeza, estimularão a competitividade. E podem ir muito além, encorajando a prática de esportes e promovendo o bem-estar de toda a população.

Em outras palavras, aqui no Brasil, tais parcerias podem ampliar o legado social e econômico dos grandes eventos, garantindo avanço para a ciência, inovação para os esportes e uma boa dianteira para a ciência do esporte.

Para muitos países que já organizaram os Jogos Olímpicos – incluindo o Reino Unido, em 2012 – a área de ciência e tecnologia assegurou contribuições fundamentais para o planejamento e a execução do megaevento, da preparação dos ambientes para a realização dos jogos à preparação dos atletas nacionais.

Na Austrália, a parceria entre ciência e esporte foi (e ainda é) determinante para a forte ascensão de seus esportistas, nas últimas décadas. O Instituto Australiano de Esportes, criado em 1981, hoje é considerado um modelo de excelência e tem a inovação como princípio. Inspirado em instituições similares na Europa e nos Centros Olímpicos de Treinamento dos Estados Unidos, esse tipo de instituição está presente em quase todas as potências olímpicas no mundo. Conforme estabelece o Instituto Inglês do Esporte, sua missão é "trabalhar em parceria com o esporte para melhorar o desempenho através da ciência do esporte e do apoio médico de alta qualidade aos atletas de elite, por meio de uma rede de especialistas e instalações".

No Brasil, algumas iniciativas têm a mesma intenção – como a criação de Centros de Excelência Esportiva ligados a universidades e a montagem de um Laboratório Olímpico no Rio de Janeiro, ligado ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Mas, ainda enfrentamos muitas lacunas conceituais ou de gerenciamento. Na realidade, não temos um ambiente integrado para a preparação de atletas, desenvolvimento tecnológico e ciência do esporte. A combinação dos eventos por vir é uma oportunidade inestimável para criar esse ambiente integrado.

O modelo brasileiro deve ser formulado e implantado pelas instituições governamentais em conjunto com as universidades e as entidades esportivas. E com a participação da sociedade. Temos potencial, temos massa crítica e temos a oportunidade, embora o tempo seja curto. Resta saber quem se habilita a enfrentar o desafio,

pois serão necessárias muitas partes para construir este todo e muitas pesquisas para responder às várias questões que se apresentam.

O que é necessário para preparar atletas com apoio da ciência? Como desenvolver no País metodologias, tecnologias ou produtos para incrementar os treinos, a avaliação ou a recuperação dos atletas? E às instalações esportivas, o que pode ser acrescentado? Como estimular novos atletas? Como disseminar a prática de esportes entre brasileiros de todas as idades? O que é necessário para aliar saúde e nutrição em prol do esportista? E para tirar sedentários da poltrona? Ou para desenvolver novos esportes? Como atender às preocupações ambientais e às normas esportivas e ainda criar um bom produto de mercado? Esse produto contribui para o bem comum da sociedade?

O rol de perguntas é variado e imenso, assim como a capacidade dos nossos jovens cientistas para responder a tamanha demanda. Esperamos, com estes recursos pedagógicos, ter fornecido as pistas básicas e alguns pontos de partida. É na Educação Básica que desperta o cientista. É dada a largada para a inovação dos esportes. Contamos com você e seus alunos nesta edição do Prêmio Jovem Cientista.

Instalações especiais permitem avaliar a performance do nadador no Centro de Treinamento Olímpico de Colorado Springs, nos EUA